

Características do Espiritismo em sua origem: relação com os pressupostos científicos modernos

Characteristics of Spiritism in its origin: relationship with modern scientific assumptions

Aurenéia Maria de Oliveira¹

Resumo: O Espiritismo surgiu na França em meados do século XIX. Seu sistematizador, o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869) ou Allan Kardec, como ficou conhecido, foi mestre em Letras e Ciências na cidade de Paris, membro de várias sociedades científicas da época e escritor de livros didáticos. Por conta disso, nossa hipótese foi a de que o método indutivo-racional, que faz uso de testes experimentais, observação sistemática e raciocínio lógico na análise dos fenômenos, que fora utilizado por ele na apreensão das manifestações espirituais, bem como, a leitura interpretativa evolucionista de mundo que a doutrina que codificou defende, possuem intrínseca relação com a ciência que emerge entre os séculos XVII, XVIII e XIX conhecidos como os que geraram o movimento denominado de Revolução Científica. Assim sendo, é objetivo deste artigo analisar a influência da ciência moderna na formação do Espiritismo com o fim de examinar nexos entre ambos. Justificamos o trabalho a partir da importância de se entender as cosmologias religiosas a partir de suas condições de produção, isto é, da influência do contexto de seu surgimento, para a consequente compreensão de seus desdobramentos futuros. Utilizando como método a pesquisa bibliográfica, obtivemos como resultado a confirmação da hipótese, como será verificado adiante.

Recebido em 09 de outubro de 2024
Aceito em 09 de abril de 2025

¹ Doutora em Sociologia pela UFPE. Professora associada UFPE/CE/DFSFE. Professora permanente do programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE - coordenadora da linha de Identidades e Memórias. Igualmente, professora permanente do Mestrado Profissional em Educação Básica da UFPE. Líder do grupo de pesquisa Religiosidades, Educação, Memórias e Sexualidades (REMS). Associada à SOTER.

Palavras-chave: Espiritismo. Ciência Moderna. Allan Kardec.

Abstract: Spiritism emerged in France in the mid-19th century. Its systematizer, Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869) or Allan Kardec, as he became known, was a master in Literature and Science in Paris, a member of several scientific societies of the time and a writer of textbooks. Because of this, our hypothesis was that the inductive-rational method, which makes use of experimental tests, systematic observation and logical reasoning in the analysis of phenomena, which he used to understand spiritual manifestations, as well as the interpretative evolutionist reading of the world that the doctrine he codified defends, have an intrinsic relationship with the science that emerged between the 17th, 18th and 19th centuries known as those that generated the movement known as the Scientific Revolution. Therefore, the objective of this article is to analyze the influence of modern science in the formation of Spiritism in order to examine the connections between them. We justify the work based on the importance of understanding religious cosmologies based on their conditions of production, that is, the influence of the context in which they emerged, for the consequent understanding of their future developments. Using bibliographic research as a method, we obtained confirmation of the hypothesis, as will be verified below.

Keywords: Spiritism. Modern Science. Allan Kardec.

Introdução

A influência do discurso científico moderno sobre a religião espírita é forte, pois os cânones que a balizam se relacionam com os pressupostos da ciência do século XVIII e XIX. Assim, características básicas do kardecismo como a comunicação espiritual e o princípio da reencarnação foram sustentadas por Kardec - e hoje o são pelos espíritas - por meio da evidência empírica advinda dos sentidos, considerado estatuto de prova científica² pelos adeptos.

Assim, é que o Espiritismo não se apresenta apenas como uma religião, mas como filosofia e ciência também. No que se refere à última, Kardec colocava que deduzia as consequências dos efeitos, remontando às causas pela dedução, fazendo uso do encadeamento

² CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O que é Espiritismo*. São Paulo, Brasileira: Coleção Primeiros Passos 146, 2ª visão antropológica, 1985.

lógico¹. Utilizava na análise dos fenômenos espirituais o método experimental científico de sua época: “agi com os espíritos como teria feito com os homens: eles foram para mim, desde o menor até o mais elevado, meios de colher informações e não reveladores predestinados”².

Neste aspecto, essa religião se inscreve numa filiação cristã que critica em sua cosmologia rituais e dogmas⁵, reivindicando uma espécie de cristianismo científico-experimental pois, reconhece em Jesus Cristo um espírito iluminado que vem revelar ao mundo modos de proceder que conduzem à perfeição e que não foram compreendidos. Diante disso, ela se inscreve na tradição científica moderna, ou seja, na tradição iluminista, evolucionista, racionalista, empirista e positivista (embora não aceitasse este último na parte referente ao desprezo das causas últimas), rejeitando o materialismo científico por ser ateu. Dessa forma, para os espíritas

... não havia solução de continuidade entre a natureza (objeto da ciência) e Deus (a quem as religiões deveriam ligar os homens). Portanto, ao mesmo tempo em que reivindicava uma realidade objetiva e experimental como fundamento, o 'espiritismo' construía uma crítica ao 'materialismo' - necessariamente ateu - e ao positivismo - por desprezar a investigação de 'causas últimas'. ... À guisa de conclusão, dois pontos devem ser destacados: 'Religião' e 'Ciência' são, em primeiro lugar, os domínios próprios a grupos e concepções dos quais os espíritas pretendem se diferenciar. Apontando para as limitações inerentes a cada um desses domínios, eles anunciam as virtudes da doutrina que professam. Mas, ao mesmo tempo, essas categorias eram consideradas a partir de uma

¹ OLIVEIRA, Aurenéa, Maria de. Multiculturalismo, Pluralismo e (In) Tolerância Religiosa: o relacionamento dos espíritas pernambucanos com os adeptos de outras religiões (1990-2004). 2006. 353 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

² CAVALCANTI, 1985, p. 11

⁵ GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos Mortos*: uma história de condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. O autor chama a atenção que Kardec criticava o excesso de formalismo e de cultos externos das religiões de sua época.

ressignificação cujo efeito consistia em torná-las úteis e até necessárias para definir a doutrina espírita. Daí a imagem de uma 'síntese', não raramente designada por termos como 'ciência religiosa' ou 'religião científica'⁶.

Para Kardec os espíritos eram criaturas dotadas de razão, autonomia e discernimento que não só nos revelavam, através da evidência empírica e do uso de observações sistemáticas, o que ocorria após a morte, mas, nos comunicavam sobre leis gerais que regulam o mundo espiritual, como também informavam modos de proceder. Isto é o que vai caracterizar o lado filosófico desta religião, assegurando-lhe princípios e ensinamentos morais.

Desse modo, o Espiritismo se apropriando dos domínios da ciência e da religião, a partir de uma interpretação própria, faz isso se aproximando das correntes dominantes em sua época, ao mesmo tempo que o faz também se diferenciando delas.

1. Síntese entre religião e ciência: discussão, desenvolvimento e resultado

A consequência inerente da síntese entre religião e ciência, que não anula as tradições nas quais o Espiritismo se alimentou/alimenta, é a da polivalência discursiva, posto que ela tanto podia legitimar as regras do proceder científico, como ser fiel ao evangelho: “a princípio, toda acusação poderia ser respondida recorrendo-se às verdades da natureza ou à sabedoria da revelação”⁷ Neste aspecto, vale destacar, no que concerne à ciência, a apropriação que os espíritas fizeram do discurso científico da época. Assim, entre outras, características ressignificadas pela doutrina espírita em seu nascimento foram: a concepção de que Deus é eterno, imaterial, imutável, único, onipotente, justo, bom e causa primária de todas as coisas. Como tal, ele criou o Universo contendo todos os mundos materiais e imateriais. Neste Universo, os seres materiais são dotados de corpos físicos, formando o mundo visível; e os seres imateriais não possuem corpos, formando o mundo invisível⁸.

⁶ GIUMBELLI, 1997, p. 73

⁷ JACINTO, Roque. *O que é Espiritismo*. São Paulo, Brasiliense: Coleção Primeiros passos 55, 1982, p. 21

⁸ JACINTO, 1982

Entre esses dois mundos, o mundo espiritual é o normal, primeiro, eterno, que antecede ao material e sobrevive a ele. Como consequência dessa subordinação, concebe-se que o mundo material poderia não ter existido e até pode deixar de existir, sem que com isso se altere o mundo espiritual⁹.

Nessa concepção, na transição desses mundos, o espírito para evoluir reencarna, se revestindo, de modo temporário, de um corpo físico perecível que se destrói após sua morte, pois, entre os vários seres corpóreos, a espécie humana é a escolhida para encarnação de espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento de faculdades concebidas como inatas: a razão e os sentimentos. São estas faculdades inatas, que conduzem à aprendizagem através das encarnações, indicando progresso espiritual, tornando-nos seres superiores moral e intelectualmente sobre as demais espécies¹⁰.

No que se refere à constituição do ser humano, este sendo formado de três partes: corpo (parte material), alma (parte imaterial) e perispírito (laço que prende a alma e o corpo, princípio intermediário), defende-se que é pelo corpo que se participa da natureza animal e pela alma da natureza espiritual, de onde se origina e retornar-se-á após a morte pois, finda a vida, o corpo espiritual sobrevive.

Para Kardec, os seres humanos são espíritos, concebidos como individuais e como tal, evoluem também individualmente já que pertencem a diferentes classes ou estágios de evolução que não os fazem iguais em poder, inteligência, sabedoria e moralidade. Assim, as várias reencarnações e aprendizagens que nelas se obtém, nos distinguem uns dos outros. São as manifestações de pureza de sentimentos, amor e prática do bem ao próximo que nessa lógica nos diferenciam, tornando-nos espíritos superiores, afastados dos inferiores, estes últimos concebidos como eivados de paixões, ódio, orgulho, ciúme, vaidade, egoísmo e leviandade.

Diante disso, é que os espíritos são classificados em categorias (das mais inferiores para as mais superiores) nas quais progredirão e evoluirão, não permanecendo indefinidamente nas categorias inferiores, pois, dependendo do grau de sua consciência, alcançarão a pureza de sua expressão, de seus sentimentos e de sua capacidade intelectual¹¹.

Dentro dessa cosmologia escatológica e evolucionista, a progressão dos espíritos se dá através da lei da reencarnação, com a

⁹ JACINTO, 1982

¹⁰ JACINTO, 1982; OLIVEIRA, 2006

¹¹ JACINTO, 1982; OLIVEIRA, 2006

vida material sendo uma prova que lhes cabe cumprir até que atinjam a perfeição. No que concerne ao funcionamento dos mundos, afirma-se que o dos espíritos movimenta-se de modo semelhante ao terreno, com a vida na terra sendo uma imitação do que ocorre na espiritualidade. Nota-se neste ponto, não só semelhanças com a ciência moderna emergente à época de Kardec, mas com o pensamento platônico, em sua releitura feita por Santo Agostinho.

No âmbito da reencarnação dos espíritos, afirma-se que não ocorre somente na terra, mas também em outros planetas; assim, é que passamos por muitas encarnações, tendo várias existências, tanto na terra, como em outros mundos. Essas encarnações/reencarnações do espírito, contudo, são concebidas de modo evolucionista linear, pois, entendidas como progressivas e nunca regressivas, sendo inconcebível o retrocesso¹².

Nessa lógica, para progredir o espírito precisa depurar a influência da natureza animal existente em seu corpo físico, afastando-se dos impulsos e instintos, se aproximando dos espíritos superiores; caso não faça isso, compartilhará da companhia de espíritos impuros, haja vista que os espíritos, considerados seres inteligentes e atuantes que se encontram por toda parte, influenciam os humanos, através da lei da afinidade espiritual. Assim, são potências da natureza que exercem ação sobre o mundo moral e físico, promovendo fenômenos que são explicados racionalmente a nós, por eles mesmos¹³.

Com relação aos espíritos superiores, sustenta-se que se caracterizam pelo desejo de instrução e melhoria humana; já os inferiores são marcados pela curiosidade e maus instintos¹⁴. Porém, como tudo no universo para os espíritos é regido pela lei progressiva da reencarnação, se defende nesta cosmovisão que não existem faltas irremissíveis, há, contudo, que se pagar os débitos adquiridos nas encarnações anteriores. A justificativa para isso encontra-se na lei de causa e efeito que influencia essa religião, isto é, a cada ação corresponde uma reação negativa ou positiva, dependendo do que foi praticado¹⁵. Ainda sobre essas características, acrescenta-se que, visando comportar o grau de evolução dos espíritos, defende-se que existe uma hierarquia de mundos habitados; assim temos os:

¹² JACINTO, 1982; OLIVEIRA, 2006

¹³ DAMAZIO, Sylvia F. *Da Elite ao Povo*: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994

¹⁴ CAVALCANTI, 1985

¹⁵ JACINTO, 1982; OLIVEIRA, 2006

... mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiações e provas, onde domina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal e mundos celestes ou divinos, habitações de espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem¹⁶.

Dentro dessa hierarquia, a terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão porque se crer, que aqui “vive o ser humano a braços com tantas misérias”¹⁷. Nos ditos mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana:

... a vida, toda material, se limita à luta pela subsistência, o senso moral é quase nulo e, por isso mesmo, as paixões reinam soberanamente. Nos mundos intermediários, seus habitantes caracterizam-se por uma mescla de virtudes e de defeitos, e daí a alternância de momentos alegres e felizes com horas de amargura e de sofrimento. Já nos mundos superiores, o bem sobrepuja o mal, e, nos mundos celestes ou divinos, morada de Espíritos depurados, a felicidade é completa, de vez que todos hão alcançado o cume da sabedoria e da bondade¹⁸.

Mediante o exposto, na lógica dessa religião, há uma ordem hierárquica de classificação dos espíritos nestes mundos; assim temos: os espíritos de 3ª ordem imperfeitos e que fazem predominar os interesses da matéria sobre o espiritual. Dentro desta ordem encontramos: os impuros, inclinados a todos os vícios; os levianos inconsequentes e ignorantes; os pseudossábios, que pensam saber mais do que sabem; os neutros, apegados às coisas materiais e tendentes ao mal e ao bem e, os batedores e perturbadores que produzem efeitos físicos¹⁹.

Os da 2ª ordem são considerados espíritos bons, pois entre eles predomina a visão espiritual sobre a material. Subdividem-se em:

¹⁶ ESDE – ESDE - *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*. Programa II. Brasília: Edições Espíritas, 1996, p. 11

¹⁷ ESDE – Programa II, 1996, p. 10

¹⁸ ESDE – Programa II, 1996, p. 11

¹⁹ CAVALCANTI, 1985

benévolos, dotados de saber limitado e de bondade com o progresso moral se verificando mais que o intelectual; os sábios, que avançam mais no sentido intelectual que moral; os prudentes, que julgam com perfeição as coisas e os seres humanos e os superiores que são dotados de sabedoria, ciência e bondade, encarnados na terra para desenvolver uma missão de progresso²⁰.

Os da 1ª ordem são os espíritos puros que não sofrem influência alguma da matéria, possuem superioridade intelectual e moral absoluta, não estando mais sujeitos à encarnação²¹. Temos ainda nessa doutrina, a ideia de que a fé é raciocinada, não baseada em dogmas, como tal, as curas realizadas por Jesus Cristo, por exemplo, não são situadas na órbita dos milagres e sim no campo científico lógico-experimental²².

Como consequência dessa visão, para os espíritas nós nascemos simples, ignorantes, materiais e inferiores com o fim de trilhar uma escala que linearmente nos conduzirá ao grau superior. Essa escala para eles equivale a uma lei geral, contudo, a possibilidade da queda (que não implica retrocesso) existe e é considerada comum.

Desse modo, reitera-se, os adeptos dessa doutrina, não a considerando apenas uma religião, mas também uma filosofia e uma ciência, fazem a defesa de sua parte científica, justificando-a através da concepção de que o Espiritismo, como uma ciência prática, estuda as relações que se dão entre os espíritos, tentando encontrar as leis positivas que explicam o funcionamento do mundo espiritual. Assim sendo, acreditam que o kardecismo trata “da natureza, origem e destino dos seres espirituais, bem como de suas relações com o mundo material”²³. Com isso creem demonstrar experimentalmente “a existência da alma e sua imortalidade por meio do intercâmbio mediúnico”²⁴.

No que concerne ao aspecto filosófico, defendem-no com base na concepção de que nessa religião se estuda os “... problemas da origem e da destinação do homem, bem como o da existência de uma inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas”²⁵. O aspecto religioso emerge quando se “... estabelece um laço moral entre os

²⁰ CAVALCANTI, 1985

²¹ CAVALCANTI, 1985

²² OLIVEIRA, 2006

²³ ESDE - *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. Programa I*. Brasília: Edições Espíritas, 1996, p. 44.

²⁴ ESDE, Programa I, 1996, p. 45

²⁵ ESDE, Programa I, 1996, p. 45

homens, conduzindo-os a uma ascensão espiritual em direção ao Criador, através da vivência das máximas morais do Cristo”²⁶. Entretanto, no que diz respeito a este último ponto, salientam que o Espiritismo não se constitui em uma religião a mais e sim, numa religião moderna e secular, pois, pautada na razão²⁷.

Sobre a síntese religião e ciência, Stoll²⁸, igualmente a Giumbelli²⁹, sublinha o fato dessa religião confrontar-se em seu nascimento de um lado, com a tradição bíblica e de outro, com a discussão das ideias difundidas por correntes do pensamento científico da época.³⁰ O uso das ideias científicas para a autora não só serve como citação, mas como:

... estratégia argumentativa, evidência que à época as relações entre religião e ciência (o mais adequado seria usar os dois termos no plural) se haviam complexificado, não se podendo reduzi-las à simples oposição e/ou exclusão³¹.

Assim, por conta dessas influências mútuas, algumas religiões surgidas na Europa naquele período passaram a reivindicar o *status* de ciência, entre elas a teosofia³² e o Espiritismo. Os expedientes utilizados para legitimar essa reivindicação, no caso específico dessas duas religiões, encontraram centralidade na teoria da evolução, questão em pauta na produção acadêmica da época. Segundo Stoll (2003), o tema da evolução no campo religioso:

... não era novo, uma vez que se trata de tese corrente nas filosofias orientais nas quais essas doutrinas se inspiram. Mas o tratamento que lhe foi dado assumiu novas feições: apresentado como argumento e não como dogma, o tema da evolução

²⁶ ESDE, Programa I, 1996, p. 45

²⁷ DAMAZIO, 1994

²⁸ STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2003

²⁹ GIUMBELLI, 1997

³⁰ STOLL, 2003

³¹ STOLL, 2003, p. 33 e 34

³² Doutrina religiosa defendida por Helena Blavatsky que, igualmente ao Espiritismo, remetia alguns de seus princípios às filosofias do Oriente, em especial ao hinduísmo e ao budismo. Mas, a forma de atualizar os preceitos dessas correntes mais remotas é diferente, posto que Kardec faz recorrência ao depoimento dos espíritos e Blavatsky o faz recorrendo à tradição, isto é, a documentos antigos, guardados nos mosteiros (STOLL, 2003, p. 33).

emerge nas obras dos propagadores dessas doutrinas como uma hipótese a ser comprovada³³.

Ainda de acordo com a mesma autora, os mitos da Antiguidade, as ideias bíblicas e as teorias científicas são interlocutores privilegiados do Espiritismo. O imaginário da evolução sendo reinterpretado, insere-a no contexto da modernidade. Dessa maneira, a forma como Kardec vai analisar os fenômenos das mesas girantes (que antes de suas observações foram tratados de maneira frívola) através do uso da indução, da razão e do método experimental, permite-lhe ressignificar o discurso da ciência, imbricando-o ao religioso³⁴. Desse modo foi que transformou as sessões a que assistia em atividades de pesquisa:

... as sessões na casa da sr^a Baudin nunca tinham tido um fim determinado. Procurei nelas resolver problemas que me interessavam sobre filosofia, psicologia e a natureza do mundo invisível. Em cada sessão apresentava uma série de perguntas preparadas antecipadamente³⁵.

Utilizando o recurso da comparação das informações advindas do questionamento³⁶ que fazia aos espíritos, através de vários médiuns, Kardec expunha quanto ao seu método de investigação e de experimentação que:

... observar, comparar, julgar; essa foi a regra invariável que me impus. (...) Apliquei (...) o método experimental, não aceitando teorias preconcebidas. Observava atentamente, comparava e deduzia as consequências³⁷.

Como se pode observar, a forma como as teorias do conhecimento empirista, racionalista e a filosofia positivista são

³³ STOLL, 2003, p. 35

³⁴ STOLL, 2003; OLIVEIRA, 2006

³⁵ KARDEC, [1890], 1995, p. 202

³⁶ Questionamento que para Stoll (2003) era feito de maneira formal e objetiva, fazendo uso da impessoalização e generalização das respostas "... não deixava dúvidas quanto à inspiração de Kardec nos moldes positivistas da prática científica da época". (...) As teorias, ou melhor, certas correntes do pensamento científico, foram por ele apropriadas como critério de validação das informações dos 'espíritos'" (STOLL, 2003, p. 41).

³⁷ KARDEC, [1865], 1995, p. 204 e 205

utilizadas como métodos de investigação e experimentação por ele o faz afirmar que as informações que colhe são sistematizadas, conformando-se em um sistema articulado de pensamento. Além disso, a influência racionalista, sublinha-se, pode ser encontrada na concepção da fé raciocinada, isto é, explicada por meio da razão esboçada por Kardec em obras como "*O Livro dos Espíritos*" e "*A Gênese*". Para ele os milagres não existindo, são esclarecidos cientificamente, de modo experimental, através dos conceitos de magnetismo e fluido³⁸.

Tal magnetismo animal ou Mesmerismo, era uma doutrina famosa no século XVIII, que advinha de Franz Anton Mesmer, doutor em medicina da faculdade de Viena, que chegou a Paris em 1778, defendendo a:

... existência de um fluído invisível que envolvia todo o universo e penetrava em todos os corpos. A partir daí, ele desenvolveu uma concepção própria de saúde e de doença: a saúde era o estado em que a substância, denominada magnética, fluía normalmente pelo organismo³⁹.

Já a doença, era o contrário. Assim, para alguns cientistas neste período, o fenômeno das mesas girantes era creditado à atuação desse fluido magnético. Kardec, concordando em parte com essa explicação, divergia dela, no entanto, ao concluir que tal fluido universal não era a causa inteligente e sim um efeito, pois, a partir das respostas fornecidas pelas mesas, optou em defender a atuação dos espíritos como origem.

Nesse contexto, a manifestação dos espíritos, a utilização dos passes na cura de doenças e os milagres de Cristo eram explicados, através do fluido universal que envolvia os espíritos, mais especificamente a matéria e o espírito, sendo um elemento intermediário entre eles. Diante disso, é que o passe (elemento curador e restaurador da saúde no Espiritismo) era para Kardec o efeito de transferência do espírito, do fluido, para o médium ou magnetizador que, através das mãos promovia a cura do doente; a compreensão acerca dos milagres de Cristo trilhava esse caminho pois, defendia-se que ele sendo um espírito superior, curava as pessoas por conta desse mesmo fluido⁴⁰.

³⁸ STOLL, 2003; OLIVEIRA, 2006

³⁹ DAMAZIO, 1994, p. 80

⁴⁰ OLIVEIRA, 2006

Assim, a desvalorização dos dogmas e dos rituais - tidos como primitivos e irracionais - advêm dessa lógica racionalista científica que é justificada por meio de um discurso que concebe a razão como fonte a ser utilizada pelos indivíduos no sentido de ajudá-los a discernir os fatos na busca das verdades vindas do mundo não-físico, que explicam também o mundo físico; assim, a evolução não é conjunta ou subordinada ao intermédio de outros seres humanos, ela é individual, sofrendo interferência dos espíritos⁴¹.

No que concerne aos dogmas, Kardec afirmava que nós, sendo dotados de inteligência e razão, os esclarecemos à medida que fizermos uso da ciência; aqui Deus é concebido como sendo razão, lógica e iluminação e não, como sendo obscurantismo; se não entendemos suas verdades é porque estamos ainda imaturos para elas. Com relação aos rituais, defendia seu fim porque acreditava que através do uso da razão, da prática da caridade e dos bons sentimentos é que evoluímos. Por conta disso, esta cosmologia defende retidão de caráter e mudança/reforma íntima do ser humano, e não cultos externos, dispensáveis neste processo⁴².

Desse modo, como defende nossa hipótese, a lógica científica predominante no século XIX é reapropriada por Kardec, incorporando-se ao corpo conceitual do Espiritismo e ela não fica somente aqui, haja vista que, a leitura interpretativa acerca dos fenômenos espirituais que ocorrem tanto no mundo espiritual como no mundo terreno, cópia imperfeita do espiritual, também guarda fortes relações com as teorias científicas modernas, com a própria concepção de universo, de encarnação e reencarnação possuindo, nessa religião, afinidades com as teorias científicas evolucionistas e com a ideia de causalidade.

No que se refere à teoria da evolução, podemos colocar que ela perpassa toda lógica de pensamento espírita, repercutindo na visão de mundo dos adeptos de sua doutrina. Assim, as explicações em torno da necessidade da reencarnação, as noções de espíritos inferiores e superiores, a ideia de pluralidade de vidas e de mundos, em suma, em todos esses fenômenos encontramos o evolucionismo presente. Entretanto, há que se fazer uma ressalva na forma como tal lógica é recebida por Kardec posto que o Espiritismo confere à evolução:

... um estatuto moral. Dessa forma, pensada como sinônimo de destino, a tese da evolução perde na

⁴¹ OLIVEIRA, 2006

⁴² OLIVEIRA, 2006

formulação kardecista o caráter indefinido, indeterminado, que apresenta na teoria de Darwin. Regida tal como moral católica, pelo princípio das 'boas obras', a evolução segundo o kardecismo se transforma basicamente no resultado de um exercício contábil⁴³.

Comparando o evolucionismo kardequiano com o de Comte, por exemplo, podemos afirmar que enquanto para este a evolução humana se dava no mundo físico, para o primeiro ela transcendia a matéria, desdobrando-se pela vida espiritual. No entanto, se a posição de Comte e Kardec divergiam neste ponto, em outros eram concordes; dessa maneira, ambos tinham posição similar, primeiro, com relação aos moldes de evolução dos dois mundos, o espiritual e o físico, trabalhando essa evolução em forma de fases. Além disso, concordavam ainda com relação ao papel da mulher - de transmissora familiar da cultura - e com relação à postura moderada acerca das mudanças sociais, não defendendo que revoluções sejam tomadas de poder pelo operariado ou por redistribuição de bens⁴⁴. Assim, através de virtudes como a caridade, a justiça e o amor é que a igualdade de todos viria ao fim da jornada até a perfeição, quando os espíritos chegassem a primeira ordem.

Neste aspecto, a crença na lei do progresso, influência do pensamento iluminista, foi reapropriada por Kardec com o fim de justificar a evolução dos espíritos. Isso gerou como consequência - como coloca em seu *"O Livro dos Espíritos"* -, na aceitação do fato de que, como já mencionado, "Deus criou os espíritos simples e ignorantes com o objetivo de os fazer chegar progressivamente, de maneira linear à perfeição"⁴⁵. Tentando conciliar a ideia de justiça divina com a da pluralidade de mundos, era inconcebível que um "selvagem" não conseguisse "civilizar-se", vivendo sempre na "ignorância".

Assim, reitera-se que a perspectiva iluminista se imbrica à de progresso de modo que, para os espíritos o ser humano pode até estacionar no mesmo nível, em determinada encarnação, mas nunca

⁴³ STOLL, 2003, p. 115 e 116

⁴⁴ DAMAZIO, 1994

⁴⁵ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: LAKE (Livraria Allan Kardec Editora), [1857], 1996. p. 95

regredir. O progresso, porém, se dando de modo individual⁴⁶, como já colocado, sujeita-se ao livre-arbítrio e este, por sua vez, explica a origem das desigualdades.

Como vemos, a questão do livre-arbítrio é então fundamental para se entender nessa religião o processo inexorável e evolutivo do espírito da ignorância à perfeição; todos os espíritos passam por ele independente de qualquer outro critério. Abordando esse assunto, afirma Damazio que: "[é] como se todos escrevessem certo, ainda que por linhas mais ou menos tortas"⁴⁷. Mais adiante tal autora chama a atenção para um deslize preconceituoso de Kardec ao falar sobre este tema.

No decorrer de sua argumentação sobre a reencarnação e a ancianidade dos espíritos, o autor comete um deslize preconceituoso, calcado em um racismo comum à época, ao afirmar que 'os Espíritos dos selvagens também fazem parte da Humanidade e alcançarão um dia o nível em que se acham seus irmãos mais velhos. Mas, sem dúvida, não será em corpos da mesma raça física, impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral'⁴⁸.

A ideia de causa e efeito, ressalta-se, outra apropriação feita por Kardec dos pressupostos científicos modernos, nessa religião é utilizada para justificar a natureza do carma, tendo em vista que este nada mais é que a reação a ações feitas em outras vidas. Assim, a necessidade da reencarnação e, sobretudo dos sofrimentos que nela passamos, explica-se através de uma espécie de acerto de contas que devemos fazer para provar que nos purificamos, resgatando débitos passados de ações injustas, praticadas em outras vidas. Assim é que para Kardec, as mazelas humanas são explicadas pela lei do carma e da evolução, trabalhando com a crença de que a justiça é feita através de nossa própria consciência, já que o carma é uma escolha nossa.

⁴⁶ "A noção de carma associada à de progresso faz de cada encarnação não só *expiação* como *provação*, isto é, oportunidade de renovação que depende única e exclusivamente do mérito individual. Afinal, o próprio determinismo presente no carma tem o seu conteúdo gerado pelo livre-arbítrio do espírito. Cada espírito produz 'seu carma' como os espíritas o dizem. Se ele o sofre irremediavelmente, a possibilidade de reparação permanece presente" (CAVALCANTI, 1985, p. 31 e 32).

⁴⁷ DAMAZIO, 1994, p. 34

⁴⁸ DAMAZIO, 1994, p. 34

Considerações finais

Como pudemos verificar, o uso do discurso da ciência pelo “codificador” do Espiritismo fora utilizado com o fim de legitimar as informações vindas dos espíritos. Neste ponto, é interessante destacar a explicação espírita acerca da origem do universo. Assim, segundo Stoll, em *"O Livro dos Espíritos"* de 1857, que antecede em dois anos o lançamento do livro de Darwin *"A Origem das Espécies"*, o paradigma científico da época defendia a unidade da espécie, tese que era defendida pelos poligenistas. Essa corrente evolucionista que prevaleceu entre 1850 e 1870, aceitava a explicação da origem divina do ser humano, reunindo pensadores que defendiam a versão bíblica, pois acreditavam que a humanidade tinha se originado de uma fonte comum. Daí a possibilidade nesse sentido de se pensá-la como una, contudo, no que se referia às diferenças físicas existentes entre as raças humanas, adaptadas a climas e meio ambientes diversos, pensava-se que eram tidas como criação independente, o que revelava uma origem não comum, por isto o nome de poligenia⁴⁹.

Com a publicação do livro de Darwin, um novo paradigma surge, o da monogenia "... concepção que postula não apenas a unidade da espécie, mas, também, a origem comum de todas as raças humanas"⁵⁰. Tal teoria causa impacto posto que, rejeita a ideia de criação divina, apresentando o surgimento do ser humano no mundo como um fenômeno natural, regido pelas leis da natureza.

Sobre isso, a postura de Kardec que inicialmente em *"O livro dos Espíritos"* era poligenista foi reformulada em *"A Gênese"* de 1868, adotando em parte, a visão dos monogenistas. Neste caso, passou a defender que o universo e os espíritos foram originados por Deus - perspectiva poligenista - mas, não o ser humano que, para ele então, havia surgido naturalmente através das mutações - perspectiva monogenista. Porém, no que diz respeito a este último aspecto, ainda mantinha vínculos com a posição poligenista, tendo em vista que defendia a pluralidade da origem das raças que conformam o gênero humano, não aceitando uma única origem para elas, como defendiam os monogenistas. A mudança de postura com relação ao aparecimento do ser humano na terra foi justificada pelo mesmo da seguinte forma

Caminhando par a par com o progresso, o
Espiritismo jamais será ultrapassado, diz ele,

⁴⁹ STOLL, 2003

⁵⁰ STOLL, 2003, p. 44

porque se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará⁵¹.

Essa posição defensora de um discurso científico se apoiava nas descobertas científicas da época, todavia, tinha um paradoxo que se encontrava no fato de que para a ciência moderna "Deus fora eliminado enquanto princípio metafísico de explicação, sendo substituído pela Ciência enquanto forma de conhecimento que comporta uma garantia da própria validade"⁵² e para Kardec, ele é reintegrado a esse processo de validade explicativa através de uma fala religiosa que se quer científica.

Neste sentido, Cavalcanti⁵³ coloca que a doutrina de Kardec, justamente por ter sido elaborada, num momento histórico em que o pensamento tanto científico como filosófico era dominado pelo racionalismo e pelo evolucionismo, possibilitou um novo encontro entre razão e revelação. Destarte, a "codificação" ou aparecimento do Espiritismo via um homem de ciência, como fora Kardec, gerou como consequência, vinculações entre a doutrina que elaborou e a ciência moderna a qual se filiava.

Referências

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O Mundo Invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O que é Espiritismo*. São Paulo, Brasiliense: Coleção Primeiros Passos 146, 2ª visão antropológica, 1985.

DAMAZIO, Sylvia F. *Da Elite ao Povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

ESDE - *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*. Programas I e II. Brasília: Edições Espíritas, 1996.

⁵¹ KARDEC, [1868], 1982, p. 45

⁵² DAMAZIO, 1994, p. 21

⁵³ CAVALCANTI, 1983

GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos Mortos: uma história de condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

JACINTO, Roque. *O que é Espiritismo*. São Paulo, Brasiliense: Coleção Primeiros passos 55, 1982.

KARDEC, Allan. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB (Federação Espírita Brasileira), [1868], 1982.

KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. São Paulo: LAKE (Livraria Allan Kardec Editora), [1865], 1995.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: LAKE (Livraria Allan Kardec Editora), [1857], 1996.

OLIVEIRA, Aurenéia, Maria de. *Multiculturalismo, Pluralismo e (In) Tolerância Religiosa: o relacionamento dos espíritas pernambucanos com os adeptos de outras religiões (1990-2004)*. 2006. 353 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2003.